

Na Esteira de Henri Lefebvre: Vida Quotidiana e Espaço Urbano

Teresa Sá^a

Resumo

Este artigo reflete sobre certos aspetos associados à vida quotidiana e à produção do espaço, partindo das interações espaço-tempo e urbano-quotidiano que estruturam o pensamento de Henri Lefebvre. O processo de produção do espaço na sociedade capitalista leva Lefebvre a pensá-lo enquanto um objeto virtual que irá organizar o tempo – a vida quotidiana –, de uma maneira cada vez mais burocrática e consumista, processo no qual o urbanismo teve e tem um papel central. Refletiremos ao longo deste artigo sobre a visão de Lefebvre quer relativamente à crítica do urbanismo pós-segunda guerra mundial em que o *habitat* se sobrepôs ao *habitar*, a segregação espacial cresceu no espaço urbano e a funcionalidade consumista dirigiu a vida quotidiana; quer relativamente à sua proposta de criar um novo urbanismo visando, não uma “cidade nova”, mas uma “vida nova” em que prevalece o *habitar* sobre o *habitat*, o lazer, o lúdico, a festa.

Palavras-Chave

Henri Lefebvre, Vida quotidiana, Espaço urbano, Urbanismo, Novo urbanismo.

Abstract

This article reflects on certain aspects associated with everyday life and the production of space by considering the space-time interactions and the urban-everyday interactions that structure Henri Lefebvre's thinking. The process of the production of space in a capitalist society takes Lefebvre to think of it as a virtual object that will organize time – in everyday life – in a way that is increasingly bureaucratic and consumerist, a condition which urbanism has played a central role in creating. This article will reflect upon the vision of Lefebvre and his critique of urbanism after the second world war in which the idea of the *habitat* superseded *l'habiter*, spatial segregation increased in cities, and consumerism drove everyday life. Concerning Lefebvre's proposal of creating a new kind of urbanism that, rather than creating a "new city", aims to create a "new life" in which the act of "inhabiting" prevails over *habitat*, leisure, and entertainment.

Keywords

Henri Lefebvre, Everyday life, Urban space, Urbanism, New urbanism.

Introdução

Neste artigo propomos uma abordagem do pensamento de Henri Lefebvre sobre a sociedade moderna, procurando relacionar a produção do espaço com a vivência quotidiana do tempo. Começamos por situar o pensamento de Henri Lefebvre nesta problemática, cuja importância o seu livro *Du Rural à L'Urbain* sublinha. Num segundo momento centramo-nos na análise da vida quotidiana realizada pelo autor, que defende que esta se tornou o objeto privilegiado do modo de produção capitalista. Ao tomar como objeto de estudo a vida quotidiana, Lefebvre apresenta-a como um objeto de conhecimento científico apesar da sua difícil definição e da sua carga ideológica e política subjacente. No âmbito desta análise desenvolvemos especificamente

o conceito de alienação, apresentando alguns exemplos, sendo este para Lefebvre um conceito chave na crítica da sociedade urbana. No terceiro e último ponto do artigo, analisamos a sua crítica ao urbanismo e planeamento “racional”, característicos do pós-guerra e as propostas do autor para a construção de um novo urbanismo. Terminamos com uma breve conclusão onde se torna claro que essas propostas se mantêm mais do que nunca atuais.

1. Situar o pensamento de Lefebvre nesta problemática

Numa intervenção no Seminário de Sociologia em Madrid em 1968, Lefebvre afirmou a importância da relação entre o espaço e o tempo na

^a Doutorada em sociologia pelo ISCTE-IUL; Professora auxiliar na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Investigadora no CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

análise da sociedade: “O espaço, é a manifestação de um emprego do tempo numa determinada sociedade”¹ (2001 [1970a], p.235)². Estes dois elementos abstratos – o espaço e o tempo – materializam-se de certo modo nos dois principais objetos de estudo de Lefebvre: o urbano e o quotidiano.

É na construção das «cidades novas»³, numa lógica de planeamento “racional”, que emerge a sociedade urbana: “chamaremos «sociedade urbana» à sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real” (Lefebvre, 1970b, p.7). O «tecido urbano» não será só constituído pelas grandes cidades, estas vão-se espalhando no espaço rural como uma mancha de óleo, através da construção de empreendimentos habitacionais, autoestradas, grandes cadeias de supermercados, grandes centros comerciais, etc. Essa transformação do espaço impõe uma nova organização do tempo, e é aí, na vida quotidiana, que Lefebvre centra a sua análise: “[...] é o tempo desses homens que são os habitantes que se trata de organizar de uma maneira enfim humana” (2001 [1970a], p.224).

O livro *Du Rural à L'Urban*⁴ é muito importante para compreendermos o seu pensamento relativamente aos dois temas sobre os quais iremos refletir: o urbano e a vida quotidiana. Os primeiros artigos tratam da investigação de Lefebvre sobre a sociedade rural, inscrevendo-se no âmbito de uma sociologia rural. Seguem-se artigos sobre a vida quotidiana, as «cidades novas», a sociologia e a ideia de sociedade urbana, bem como um conjunto de textos que se caracterizam pela crítica do urbanismo e a proposta de um novo urbanismo. Todos os escritos, embora com temas diferentes, têm subjacente um conjunto de problemas de âmbito epistemológico e político que se mantêm profundamente atuais. Salientamos os seguintes: especialização científica, interdisciplinaridade, metodologia das ciências sociais, relação entre ciência e política, vida quotidiana enquanto objeto científico, definição do urbanismo, proposta de um «novo urbanismo».

Os textos apresentam uma ordem cronológica que nos permite ver de certo modo como os objetos de investigação em Lefebvre foram mudando à medida que a sociedade também se ia transformando.

Perto da sua aldeia natal, Navarrenx, emerge uma “cidade nova”, Mourenx, e ao “olhar” uma e outra, Lefebvre vai-as analisando, comparando. Encontramos uma certa nostalgia na sua análise de Navarrenx, aldeia onde viveu e da qual, como ele próprio afirma, conhece todas as pedras (Lefebvre, 1977 [1962b]), e uma perspetiva crítica sobre Mourenx, a «cidade nova». No entanto, aponta também alguns aspetos positivos perceptíveis na «cidade nova» e interroga-se sobre a possibilidade de transformação da cidade pelos seus futuros habitantes. Mas o que é interessante neste texto, a par da força do seu registo literário, é a análise de dois processos de produção do espaço, ambos contemporâneos, dos quais um representa o passado, e o outro, o futuro.

Espacialmente muito próximos, encontramos o passado que se vai deteriorando e um futuro que vai emergindo. Navarrenx, aldeia cuja edificação remonta ao século XIV, cujo espaço se foi produzindo lentamente como uma concha (*ibid.*), e Mourenx⁵, a «cidade nova», que iria ser ocupada por uma população operária, onde tudo ou quase tudo foi previamente pensado e planeado, e tudo se quer perceptível sem dificuldade: “O texto que a cidade oferece aos nossos olhos é perfeitamente legível, tão pobre como claro apesar dos esforços dos arquitetos visando introduzir variedade nas linhas. A surpresa? O possível? Desapareceram nesse lugar que deveria ser o das possibilidades” (*id.*, p.124).

São duas formas de produzir um espaço, dois tempos: um lento, o outro rápido; dois processos: um que vai emergindo com o tempo, o outro que é desde o início globalmente planeado. No primeiro, as práticas sociais e o poder económico vão transformando o espaço; no segundo, um urbanismo que se baseia no planeamento “racional” cria um espaço novo, planeado na sua totalidade.

Quais são então as soluções para a construção das «cidades novas»? Como se cria o tempo lento das cidades antigas? É a questão que Lefebvre coloca (1970a; 1970b) e à qual vai procurar responder ao longo de toda a sua obra. É a sociedade urbana que está em causa, o urbanismo, as ciências sociais, a política, a vida de cada um de nós.

A sociologia, que para Lefebvre tem necessariamente uma dimensão histórica, e o urbanismo serão as duas disciplinas chave para se perceber

¹ As traduções são da responsabilidade da autora do artigo.

² Nas referências bibliográficas, quando se trata de uma citação colocamos primeiro a data do livro utilizado e, depois, entre parênteses retos, a data da primeira edição. Nas outras situações colocamos apenas a data da primeira edição.

³ A partir de 1950 surgem em França os grandes centros comerciais e as zonas de alojamento social. Depois de 1965, no quadro do plano diretor da região parisiense, surge o projeto das «cidades novas» inspiradas na ideia de racionalidade técnica e científica (Costes, 2009).

⁴ Contém um conjunto de conferências e artigos que Lefebvre escreveu durante as décadas de 1950 e 1960. Foi também durante esse período que publicou uma série de obras sobre autores franceses clássicos: Descartes, Diderot, Pascal, Musset, Rabelais (Hess, 1988, p.141). Como afirma o próprio Lefebvre, “Ora aqui reconhece-se o trajeto de um pensamento ameaçado, por vezes quase quebrado” (2001 [1970a], p.15).

⁵ Noutro artigo publicado em 1960 e reeditado em 1970 no livro já referido *Du Rural à l'Urban*, Lefebvre vai comparar a «cidade nova» de Mourenx com os bairros novos de uma cidade antiga Aix-en-Provence (2001 [1970a], p.116-124).

a sociedade urbana. No entanto, ao considerar o objeto da sociedade urbana um objeto virtual, Lefebvre levanta uma série de questões epistemológicas à análise científica, nomeadamente: a questão dos valores que está subjacente à tomada de decisões das questões urbanas; e a questão do rigor científico que exclui ou reduz tudo o que não pode ser medido e quantificável.

É a partir do pensamento de Lefebvre sobre a sociedade urbana⁶, que procuraremos refletir neste artigo sobre dois temas que cruzam a análise das ciências sociais com as questões do urbanismo: a vida quotidiana e a construção de um «novo urbanismo».

2. Sobre a crítica da vida quotidiana e a sociedade urbana

É no cruzamento entre a vida quotidiana e o espaço urbano que Lefebvre encontra os dois elementos chave para compreender não só o espaço *concebido*, mas também o espaço *percebido e vivido*⁷ (Lefebvre, 1974). O espaço urbano impõe ritmos de vida e impõe um uso do tempo quotidiano: “Um espaço não é senão a inscrição no mundo de um tempo. Os espaços são realizações, inscrições na simultaneidade de um mundo exterior de uma série de tempos: os ritmos da vida, os ritmos da população urbana.” (Lefebvre, 2001 [1970], p.224).

Tendo em conta essa interação entre espaço-tempo e urbano-quotidiano, que estrutura o pensamento de Lefebvre, iremos refletir sobre alguns aspetos associados quer à vida quotidiana quer à produção do espaço habitado.

Vida quotidiana e crítica da vida quotidiana

Lefebvre publica em 1947 o primeiro volume do que virá a ser uma trilogia intitulada *Crítica da Vida Quotidiana*⁸. Propõe-se tornar a vida quotidiana um objeto científico, centrando-se não numa descrição axiológica e politicamente neutra, mas na crítica das formas da vida quotidiana que encontra na sociedade capitalista ocidental contemporânea.⁹

O primeiro problema com que se depara é o da sua definição: o que é a vida quotidiana? Trata-se de algo que não se deixa definir por uma propriedade específica: é “uma mistura de natureza e de cultura, de histórico e de vivido, individual e social, real e irreal, um lugar de transição e de reencontro, de interferências e de conflito, ou seja um *nível* de realidade” (Lefebvre, 2014a [1962a], p.52). Ora parece ser algo muito superficial – banal, trivial, repetitivo –, ora algo muito profundo – a existência, o «vivido». Se podemos prever muitos aspetos da vida quotidiana, muitos outros resultam do acaso e são completamente imprevisíveis, tal como a doença e a morte. Acontecem-nos. O seu curso fluído, a sua irracionalidade, a sua magia, a sua tragédia e o seu aleatório tornam-na um objeto difícil de captar através do pensamento racional. Mas evitar ou deixar escapar esses seus aspetos é deixar de lado uma parte da realidade, fingindo que não existe.

O que está subjacente à proposta de Lefebvre ao tomar como objeto de estudo científico a vida quotidiana é uma crítica à corrente científica “positivista” e a defesa de uma nova ideia de ciência social, na qual não exclui da realidade o que não se deixa reduzir à neutralidade do rigor científico¹⁰. Procurar apenas aquilo que sabemos já como procurar, é limitar a nossa capacidade racional de conhecer o mundo. É, no fundo, um ato bem irracional.

A vida quotidiana não é, portanto, um campo fechado, que se deixe fixar nos termos de uma definição exata, mas um fluxo que carrega consigo os tempos, os ritmos e, no fundo, a vida de cada um de nós.

Ora, um dos obstáculos maiores ao conhecimento crítico da vida quotidiana remete para aquilo a que Lefebvre chama alienação, que constitui um dos temas centrais do seu pensamento (1947; 1962a; 1968b).

Como surge a alienação na quotidianidade? É esta a pergunta que Lefebvre faz retomando a análise filosófica e o pensamento de Marx. Ao contrário das teses marxistas que privilegiam a alienação económica, imaginando uma sociedade socialista cuja infraestrutura resolveria o problema da alienação, Lefebvre entende que há uma multiplicidade de alienações e que só muito lentamente, pela tomada de consciência da reali-

⁶ Para uma introdução geral ao pensamento do autor, há três livros, dois deles referidos neste texto, cuja leitura aconselhamos: Rémi Hess, *Henri Lefebvre et l' aventure du siècle*; Sandrine Deulceux e Rémi Hess, *Henri Lefebvre. vie. oeuvres. Concepts*; Andy Merrifield, *Henri Lefebvre. A Critical Introduction*.

⁷ Para Lefebvre o espaço é sempre um «espaço social». Contém três elementos: a Prática Espacial (espaço percebido); as Representações do Espaço (espaço concebido); Espaços de Representação (espaço vivido). O autor analisa de uma forma aprofundada estes aspetos no livro *La Production de L' Espace*.

⁸ Em 1962, publica *Critique de la vie quotidienne II*; em 1981, *Critique de la vie quotidienne III*. Em 1968, *La Vie quotidienne dans le monde moderne*.

⁹ Segundo Rémi Hess, esta é uma das contribuições mais originais do autor para o pensamento do século XX (Hess, 1988, p.300).

¹⁰ Lefebvre, partindo do seu método dialético, vai construir novas metodologias de análise, tais como: a transdução, o método regressivo-progressivo, a utopia experimental. No entanto, este artigo não tem por propósito a análise do seu pensamento sobre a epistemologia das ciências.

dade e através da ação, conseguiremos desfazer-mo-nos delas.

Para abordarmos o tema da alienação, ou melhor, para apresentarmos algumas pistas em vista da sua análise crítica, discutiremos aqui dois aspetos: o primeiro refere-se à superficialidade com que entendemos o que está próximo, o que nos é familiar; o segundo à construção e à desmontagem dos mitos do quotidiano.

Sobre a banalidade e a estranheza do quotidiano, lembremos um texto de Gilberto Velho (1994), quando nos mostra, seguindo o pensamento de Da Matta, como o familiar está simultaneamente tão próximo e tão distante de nós, e como facilmente o “conhecemos” partindo de um conjunto de estereótipos que interiorizámos, sem deles a maior parte das vezes termos consciência. A proximidade física, que tem a ver com o familiar, o habitual, o quotidiano, pode ser tão ou mais difícil de explicar e perceber, do que aquilo que nos é estranho e está distante. Mas não é essa a sensação que cada um de nós tem. Sigamos o exemplo de Gilberto Velho. Sentem-se à janela da vossa casa a olhar a rua do bairro onde vivem: vejo numa esquina um grupo de trabalhadores da construção civil, à entrada da padaria conversam duas senhoras da classe média, na padaria vejo empregadas domésticas. A atravessar a rua, dois polícias; um grupo de surfistas sentado no café.

Todo este cenário me é familiar. Estou habituada à sua presença. E, embora o meu conhecimento da vida destas pessoas — dos seus hábitos, valores, gostos — seja muito limitado, tudo o que delas vejo está arrumado na minha cabeça, tenho um «mapa» deste mundo, há uma ordem que me tranquiliza. Há uma hierarquia, um conjunto de estereótipos, que organiza o meu olhar sobre as pessoas: o trabalhador das obras é ignorante, pouco ambicioso, pobre; os jovens surfistas não gostam de trabalhar, nem de estudar, etc.: “Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos *familiariza* com os cenários e situações sociais de nosso quotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos” (*id.*, p.127). Mas essa inteligibilidade do quotidiano é «superficial», é «falsa», é um mundo de aparências. É como um puzzle onde colocamos as imagens reais num espaço já pré-definido. Tudo está perfeitamente arrumado no seu lugar, permitindo-nos continuar sem nada questionar.

O segundo aspeto refere-se à construção de mitos que emergem do quotidiano e das frustrações da vida na cidade cuja realidade ao mesmo tempo assinalam e mascaram (Lefebvre, 1947).

Em Portugal, durante o período da ditadura salazarista, assiste-se à criação de um “mito da

pobreza” que procurava promover a passividade e a resignação quotidianas da população urbana a condições de vida marcadas pela opressão e exploração, através de uma idealização do passado rural. Como exemplo típico desta mitificação da “pobreza feliz”, poderemos indicar o fado *Uma Casa portuguesa* cantado por Amália Rodrigues.

A letra contém uma série de dicotomias que faz com que a pobreza (pouco dinheiro, pouco conforto, poucas necessidades, poucos objetos) aliada a um conjunto de sentimentos que a idealizam (alegria, simplicidade, bondade, afeto, amor) transforme uma casa pobre, pequena, pouco confortável, habitada por famílias de trabalhadores assalariados rurais ou operários, num espaço sagrado onde reinam a felicidade e o amor.

Pouco dinheiro e pouco conforto / “muito carinho e amor”

Poucas necessidades / “amor, pão e vinho”

Alegria da Pobreza / “dar o pouco que há e ficar contente”

Poucos objetos / “o Sol entra na janela”

Simplicidade / “quatro paredes caiadas”

Afetividade / “o cheiro, as flores”

Amor / “Uma promessa de beijos, Dois braços à minha espera”

O que é interessante e inquietante neste fado é que não enuncia o objetivo de “ocultar uma realidade”. Não se declara ao serviço de um programa explícito: o de nos tornar alienados face às diferenças sociais que caracterizavam (e caracterizam) a sociedade portuguesa. Parte de um conjunto de ideias e de emoções, que estão profundamente interiorizadas, enraizadas, no quotidiano de todos nós. “Leva-nos” a aderir a uma certa imagem do mundo e da vida que de certo modo nos seduz. É esse o perigo da alienação, que ao “esconder” ou “adornar” o real, cria uma ilusão que de certo modo nos tranquiliza, nos acalma. “Esta ilusão tem de resto fundamentos sólidos, reais, porque não é uma ilusão teórica; é uma ilusão prática” (Lefebvre, 1977 [1947], p.182).

A criação destes estereótipos corresponde a uma “naturalização” das situações que provocam nos indivíduos, atores e espectadores da vida quotidiana, uma certa tranquilidade, tranquilidade essa que advém da existência de uma ordem social que suporta a ambiguidade, o espontâneo, o informal e a injustiça do quotidiano. Este é necessariamente complexo, resulta de múltiplas interferências: “Não há rutura entre os objetos e as pessoas, os seus gestos, os seus atos, situações, discursos.

Todos estes elementos entram num conjunto que se chama: «civilização.» (2014b [1981], p.19).

Se é verdade que estes mitos estão profundamente enraizados na cultura interiorizada por cada um de nós através do processo de socialização, também é verdade que eles são muitas vezes desmontados pela crítica social e política, pelas ciências sociais, mas sobretudo, segundo Lefebvre, através da arte. É a arte, segundo o autor, quem melhor desmonta este *status quo* do quotidiano que se instala em todos nós.

Charlot, o personagem criado por Charlie Chaplin, é um dos exemplos dessa capacidade de pôr a nu a realidade da vida quotidiana. Funde num só personagem a figura do burguês (perseguição do dinheiro, ética do trabalho, conquista do prestígio) e a do vagabundo (que vagueia pelas ruas da cidade, sem casa, sem trabalho fixo, gozando os pequenos momentos do dia a dia). É um personagem que “ridiculariza” a figura do burguês: utilizando os mesmos objetos (bengala, chapéu, casaca), mas colocando-os no corpo de alguém que sonha ser burguês quando é afinal um vagabundo. Charlot surge como um tipo ambíguo, entre o “ser” e o “querer ser”. O vagabundo persegue o trabalho, o dinheiro, o prestígio, mas não deixa de procurar também o amor, a felicidade, o “momento”. Entre eles, o burguês e o vagabundo, vive-se o cómico e o trágico (Lefebvre, 1947).

Lefebvre chama a atenção para esta capacidade que Charlot tem de nos mostrar, através do humor, o outro lado do mundo burguês, lado que faz parte de uma realidade que permanece na sombra, escondida: “O humor torna o quotidiano mais leve, permite um discurso que o aceita sem capitular” (2014b [1981], p.66).

Também Jacques Tati, e concretamente no seu filme *Mon Oncle* (1958), apresenta de uma forma cómica e simultaneamente irónica a nova vida quotidiana, que emerge em França nas décadas de 1950 e 1960, numa classe que ascendeu socialmente, e na qual, os novos objetos (automóvel, eletrodomésticos, roupa, casa, etc.) e os novos valores de uma nova burguesia dirigente (diferenciação social, homogeneização, consumo, ordem, etc.), se contrapõem à vida simples do personagem principal que anda a pé, de bicicleta ou de carroça, que vive no prédio labiríntico de um bairro pobre e barulhento, e cujos passeios divertem o sobrinho que se sente profundamente aborrecido no seu mundo assético.

Em Portugal, o humorista Ricardo Araújo Pereira no programa *Mixórdia de Temáticas*, cultivava uma forma mordaz e irónica, mais ou menos subtil, de crítica social. Trata-se de um programa

diário da Rádio Comercial com a duração de cerca de 5 minutos, patrocinado por uma cadeia de supermercados, e uma marca de automóveis.¹¹

O programa constrói-se a partir de uma crítica humorística a acontecimentos da atualidade: cenas da vida quotidiana como uma ida ao supermercado, programas da televisão muito populares e muito pouco interessantes, notícias da comunicação social como a fuga de três presos de Caxias ou as afirmações políticas do ministro das finanças holandês, presidente do Eurogrupo, relativamente à maneira como os países do Sul da Europa gastam o dinheiro.

Ricardo A. Pereira desmonta estas situações através do humor. No caso da fuga dos presos, entrevista um suposto guarda prisional que lhe relata como é o dia a dia na prisão e como se sobrevive à falta de meios humanos, e técnicos, excesso de burocracia, etc. É o quotidiano que emerge, em termos exagerados, mas nos quais todos reconhecemos a realidade.

Os exemplos apresentados mostram como é possível, através da arte e do humor, desmontar um quotidiano que contém diversas formas de alienação a que todos estamos sujeitos e, ao mesmo tempo, como é difícil, quer tomar consciência dessas alienações, quer lutar contra elas.

Sistema capitalista e vida quotidiana

Segundo Lefebvre, o modo de produção capitalista centra-se cada vez mais na organização do quotidiano que se foi transformando no seu objeto privilegiado: “é a «base» a partir da qual o modo de produção tenta constituir-se em sistema, através da programação dessa base” (2014b [1981], p.46).

Ao longo do século XX, verificaram-se enormes transformações na vida quotidiana que têm, segundo Lefebvre, duas causas principais: as lutas de libertação da mulher e as transformações técnicas (1981). Mas o autor também refere a enorme capacidade de recuperação do sistema, que rapidamente assimila e transforma aquilo que se lhe opõe (*ibid.*).

A emancipação feminina, que provocou enormes transformações na vida quotidiana, pondo em causa os valores conservadores relativamente ao papel da mulher na sociedade, foi também rapidamente reapropriada nos anos que se seguiram a 1968 em termos extremamente simplistas, reduzindo a ideia *Changer la vie* à libertação sexual: “Ora, foi durante esses anos que [...] a sexualidade se tornou mercadoria suprema” (*id.*,

¹¹ É sem dúvida um programa de crítica social, que põe em causa uma sociedade cuja economia assenta nos grandes interesses económicos e financeiros. São, no entanto, as grandes empresas que permitem tornar pública uma desconstrução da sociedade capitalista que elas próprias sustentam. Trata-se de um processo de “recuperação” que Lefebvre também desconstrói e a que voltaremos mais adiante.

p.78). Por outro lado, as novas tecnologias que permitem um conjunto de facilidades no nosso dia a dia, também impõem um quotidiano cada vez mais repetitivo, calculável, previsível, sem tempos livres nem espaços vazios, onde tudo está impecavelmente organizado, programado, como numa empresa: “[...] tal é a primeira e a última palavra da ética tecnocrática: todos os instantes previstos, tudo quantificado em dinheiro, tudo programado no tempo e no espaço.” (*id.*, p.59).

Depois da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo subordina novos setores da sociedade, nomeadamente a agricultura, e a cidade histórica – com o turismo e os lazeres –, mas subordina sobretudo o quotidiano. Lefebvre pergunta: o quotidiano reage, recusa essas mudanças? Resiste a elas? Ou, pelo contrário, aceita-as passivamente ou ativamente? Simultaneamente, mostra como o quotidiano é o recetáculo das novas mercadorias que emergem da imaginação e da capacidade produtiva da sociedade capitalista: o automóvel, o frigorífico, a rádio, a televisão e, mais tarde, diríamos nós, também o computador pessoal, o telemóvel, o *iPad* e o *iPhone*, entre muitos outros exemplos possíveis. Há uma aceitação pacífica da necessidade destes objetos e, embora com alguma resistência dos mais velhos, mais pobres, mais conservadores, mais críticos, estes vão-se tornando imprescindíveis para a vida de todos os dias. Segundo Lefebvre, o modo de produção capitalista centra-se cada vez mais na organização do quotidiano, entendido como “a «base» a partir da qual o modo de produção tenta constituir-se em sistema, pela programação dessa base” (*id.*, p.46).

Em França, no período que segue à Primeira Grande Guerra, numa sociedade que começa a recuperar dos efeitos de uma guerra muito dura, a economia através do modelo de produção taylorista cria uma nova ordem económica que vai reorganizar de uma forma global o quotidiano dos indivíduos.

É neste contexto que, em 1925, dois grupos de intelectuais – os surrealistas e alguns jovens filósofos (entre os quais se conta Lefebvre) – iniciam uma discussão em torno da ideia de «quotidiano». Apesar das divergências de pensamento existentes entre os dois grupos, ambos estão de acordo sobre dois pontos: o surgimento na sociedade de um quotidiano repetitivo, monótono e aborrecido, e a necessidade de criar um novo quotidiano libertador. As soluções apresentadas são, contudo, diferentes: os surrealistas defendem que a solução só pode ser encontrada na poesia; os jovens filósofos afirmam que só a revolução comunista mudaria a vida quotidiana

(Hess, 1988). Com o tempo, Lefebvre vai desiludir-se com a “revolução” preconizada pelos partidos comunistas fiéis à “construção do socialismo” na União Soviética, dando-se conta que a estatização dos meios de produção não provocava necessariamente a transformação da vida quotidiana nem o fim do trabalho alienado.

No segundo momento, de 1941 a 1961, surgiram uma série de correntes críticas da sociedade tecnocrática que se estava a implantar, com ideias diferentes em relação a muitos domínios, com propostas diferentes face ao futuro, mas todas elas defendendo um imperativo: *changer la vie* (mudar a vida). Rejeitavam a ideologia do «crescimento» e o culto do trabalho: “Contra o economicismo desprovido de outros valores senão o da troca, a contestação tomava partido pela reunião da festa e do quotidiano, pela transformação do quotidiano em lugar de desejo e de prazer” (Lefebvre, 2014b [1981], p.29/30). Um desses grupos é o grupo *Cobra*, muito ativo no Norte da Europa, composto por artistas, escritores e arquitetos. Dele fazia parte Constant, um arquiteto holandês que, já em 1953, “inventava uma nova arquitetura de ambiente e de situações, incorporando por assim dizer no espaço a crítica do quotidiano” (*id.*, p.28). Havia, portanto, vozes que lutavam contra a sociedade que se estava a instituir, opondo aos valores dessa sociedade outros que estavam associados ao não-trabalho, ao lazer, à festa e à transformação da vida quotidiana.

O terceiro momento, é marcado por uma rutura social e económica, que, segundo Lefebvre, corresponde à transição da sociedade moderna para a sociedade pós-industrial, a sociedade da informação. Neste processo Lefebvre (*ibid.*) chama a atenção para a metamorfose do cidadão em cliente. Perde-se a figura política do cidadão substituída por alguém que se reduz a reivindicar o bom funcionamento dos serviços, ao mesmo tempo que se torna recetáculo de uma «indústria cultural», que lhe fornece cada vez mais mercadorias. Por paradoxal que pareça, num mundo em que todos os problemas assumem uma dimensão “global”, assistimos simultaneamente ao isolamento sobre si próprio do “homem privado” que olha o mundo, reduzido à sua impotência.

O novo quotidiano libertador

É contra esta programação da vida quotidiana que Lefebvre luta, propondo a construção de um novo quotidiano libertador, marcado por duas

ideias-chave: a primeira aproxima-se do pensamento dos surrealistas, ao defender a importância da arte e da criatividade no quotidiano¹². A segunda dimensão, que vai assumir uma grande importância no pensamento de Lefebvre, tem a ver com a ideia de festa. Mas é importante sublinhar que, para Lefebvre, a festa não é algo que surge como oposição ao trabalho ou ao quotidiano, mas algo que se deve incorporar no quotidiano como parte das suas pulsações e do seu ritmo (1962a; 1962b; 1981).

3. Crítica ao urbanismo do pós-guerra, defesa de um novo urbanismo

Lefebvre é profundamente crítico do urbanismo das «cidades novas», cujo principal objetivo era resolver o problema do *habitat*¹³ de um grande número de trabalhadores que corriam para a cidade respondendo à oferta de trabalho nas fábricas. Era de facto urgente construir habitações para os operários, mas, ao colocar como fundamental a questão do alojamento, o urbanismo deixou de lado a problemática da cidade e do urbano (Lefebvre, 1968a).

Na produção das «cidades novas», há uma preocupação de tudo organizar, de tudo racionalizar. O urbanismo, aliado ao conhecimento técnico e ao planeamento “racional”, substitui o espaço real vivido por um espaço abstrato onde a *ordem* se pode finalmente instalar de uma forma pura. A ideia de zoneamento mostra bem essa preocupação: O espaço é globalmente desenhado logo no início e separado em partes, em «zonas», como peças de um puzzle, onde cada peça representa um fragmento, uma parte da realidade: uma peça para a habitação, outra para o comércio, outra para os serviços, outra para o lazer, etc. Todas juntas criam a «nova cidade». Mas o todo não é igual à soma das partes... a cidade não é um somatório de necessidades.

Segundo Lefebvre, neste processo racional de produção do espaço, a “cidade perdeu a quotidianidade e a festa” (1968a, p.103). O arquiteto e o urbanista desenham o espaço de longe, mais preocupados com a racionalidade perfeita da lógica das “coisas”, do que com a vida que o quotidiano contém. Ora, como destaca Lefebvre “O espaço concreto é o do *habitar*: gestos e percursos, corpos e memória, símbolos e gentes, maturação difícil do imaturo-prematuro (do «ser humano»), contradições e conflitos entre desejos e necessidades, etc.” (1970b, p.240).

Na análise crítica que opera do urbanismo, Lefebvre deixa clara a diferença entre o papel dos urbanistas considerados individualmente, sendo que aqueles muitas vezes defendem boas propostas, e a lógica subjacente que anima todo este processo. É exatamente essa lógica, que “obriga” a pensar a sociedade como um todo e não de uma forma fragmentada, que Lefebvre procura encontrar na análise do urbanismo. Associa a crítica do urbanismo à crítica da sociedade capitalista, na qual a organização da produção já não se refere somente aos objetos, mas também à organização da produção do espaço. No período que Lefebvre caracteriza, o urbanismo refletindo uma falsa imagem racional e técnica, funcionou como um instrumento ideológico do Estado no processo de urbanização: “O urbanismo aparece assim como o veículo de uma racionalidade limitada e tendenciosa cujo espaço, ilusoriamente neutro e não político, constitui o objeto (objetivo)” (*id.*, p.217).

Lefebvre mostra-nos o que não é facilmente visível, ou seja, que o urbanismo não resulta de um processo científico e técnico, mas sim da “sociedade burocrática de consumo dirigida” (1967; 1968a; 1968b; 1970) que dirige o consumo do espaço e do *habitat*.

Embora desde sempre os grupos dominantes tenham produzido o espaço, o que se passou no processo de urbanização foi a descoberta pelo capitalismo através da especulação imobiliária desta nova mercadoria (Lefebvre, 1970b). A racionalização desse novo investimento obrigou a uma reorganização da produção, feita através do urbanismo.

Entender o urbanismo com uma componente apenas técnica e científica, sem desenvolver qualquer discussão epistemológica sobre a disciplina, é excluir da produção do espaço a sua dimensão política, associada a normas e valores, que lhe é profundamente intrínseca.

O Novo Urbanismo

Lefebvre não se limita a criticar o urbanismo do pós-guerra. Propõe um novo-urbanismo associado a uma «vida nova» na sociedade urbana.

Este novo-urbanismo assenta em duas ideias-chave: considerar o urbano como um objeto virtual e articular o estudo do urbano com a crítica da vida quotidiana.¹⁴

Considerar o urbano como um objeto virtual, corresponde de certo modo ao trabalho do

¹² Quando Lefebvre critica a cidade como “produto”, privilegiando as relações de troca, e toma partido pela cidade como “obra”, privilegiando o valor de uso, está de certo modo a apelar para a criatividade dos indivíduos: “O urbano é, assim, em maior ou menor grau, obra dos cidadãos e não algo que lhes seja imposto como um sistema: como um livro concluído.” (2012 [1968a], p.75).

¹³ Durante a Terceira República (1870-1940) concebe-se a ideia de *habitat* que vai destruir a ideia de “*habitar*” que incluía a participação na vida social de uma comunidade, aldeia ou cidade (Lefebvre, 1968a).

arquiteto/urbanista quando projeta. Mas a proposta de Lefebvre sobre “como projetar”, concretamente a sua ideia de «utopia experimental», apresenta algo de inovador: “O método utilizado é assim o das *variações imaginárias* à volta de temas e de exigências definidas pelo real no sentido mais lato: pelos problemas que a realidade coloca e pelas virtualidades que esta contém.” (2001 [1970a], p.130). Trata-se de uma proposta cuja concretização resulta não só da imaginação, criatividade, conhecimento do arquiteto/urbanista, como também do seu profundo conhecimento do espaço concreto sobre o qual vai projetar, tendo em conta os seus problemas e virtualidades, os seus habitantes, os seus modos de vida, gostos, aspirações e desejos. Este procedimento ou metodologia¹⁵ situa-se entre “o puro praticismo e a teorização pura” (*id.*, p.130). Não se trata de projetar para continuar um movimento já existente, nem de idealizar um projeto a partir de um espaço abstrato sem ter em conta o que já existe. Trata-se de um processo dialético entre a teoria e a praxis.

O arquiteto/urbanista projeta habitualmente os novos espaços partindo dos seus “sistemas de significações”¹⁶ e de um conhecimento técnico (*ibid.*). A abordagem do novo-urbanismo é diferente. Estes dois elementos – «sistemas de significações» e conhecimento técnico – devem ser sempre mediados por outros elementos: as ideias subjacentes à criação de um novo quotidiano, as propostas do novo-urbanismo; os sistemas de significações dos indivíduos que habitam o espaço; e a *praxis*, ou seja, a maneira como o espaço está a ser usado, como os indivíduos se apropriam ou não do espaço. As propostas do novo urbanismo estão associadas à ideia de uma «vida nova» na cidade, onde prevalece o *habitar* sobre o *habitat*, o lazer, o lúdico, a festa. Por outro lado, ter em conta os sistemas de significações das pessoas que habitam o espaço significa defender que os habitantes têm algo a dizer sobre a forma como querem viver. Na introdução ao capítulo “Introduction a l’étude de l’habitat pavillonnaire” (*id.*, p.159-181), Lefebvre reflete sobre o significado de *habitar*, afirmando que a questão principal é saber o que os seres humanos querem no habitar, e responde: “querem um espaço maleável, apropriado tanto à escala da vida privada como à escala da vida pública, da aglomeração, da paisagem” (*id.*, p.180). Querem e têm direito a um espaço que não resulte

de uma abstração da realidade, mas que assente na vida vivida pelos indivíduos, permitindo a sua apropriação pelos próprios indivíduos. Estes dois últimos aspetos implicam uma observação atenta do espaço que já existe e da maneira como este é ocupado pelos indivíduos. É a partir daí que tudo se deve desenrolar.

A segunda ideia, que procura articular o estudo do urbano com a crítica da vida quotidiana, remete-nos para uma investigação simultânea entre o urbano e o quotidiano. Ambos vão a par, ou seja, se queremos mudar um teremos que mudar o outro.

A abordagem que Lefebvre faz da vida quotidiana (1947; 1962a; 1962b; 1968b; 1981), utilizando uma diversidade de conhecimentos em que a arte (cinema, literatura) e a ciência (filosofia, sociologia, história, semiologia, comunicação, etc.) se cruzam, mostra, por um lado, a complexidade do objeto em causa e, por outro, a vasta cultura do autor. Lefebvre opõe-se ao conhecimento cada vez mais parcelar e fragmentado das ciências, que permite maior rigor, mas aplicado a uma realidade cada vez mais fragmentada, cada vez mais irreal.¹⁷ Quando toma como objeto a vida quotidiana, o que procura é exatamente o contrário: um conhecimento global da sociedade.

Assim como a crítica da vida quotidiana na sociedade capitalista do século XX contém a proposta de uma nova vida quotidiana, a crítica do urbanismo contém a proposta para um novo urbanismo. Ambas as propostas se fundem claramente numa proposta política, um projeto de transformação da quotidianidade que pouco ou nada teria a ver com o urbanismo existente (Lefebvre, 1970a).

Uma espécie de conclusão

A ideia de que o objeto teórico, sociedade urbana, é um objeto virtual e não simplesmente dado na realidade, torna-se crucial tanto na crítica que Lefebvre faz do urbanismo e planeamento tradicionais, como na proposta de um “novo urbanismo” (1968a; 1970a; 1970b). É verdade que o urbanismo e o planeamento tradicionais resolvem, ao agir, alguns problemas da sociedade urbana, mas a objeção que Lefebvre lhes move é a de que o fazem procurando receitas empíricas para responder pontualmente aos problemas que

¹⁴ Estes dois aspetos são analisados num artigo que considero fundamental, “Utopie expérimentale: pour un nouvel urbanisme” (Lefebvre, 2001 [1970a], p. 129/140).

¹⁵ Lefebvre chama-lhe «transdução», definindo-a como um raciocínio que não se reduz à indução nem à dedução. Na «transdução» constrói-se um objeto virtual a partir de informações sobre a realidade e de uma problemática determinada (2001 [1970a], p.131).

¹⁶ Corresponde a um conjunto de valores associados a práticas quotidianas. Os arquitetos criam uma ideia de *habitar* a partir de significações percebidas e vividas por eles próprios.

¹⁷ A discussão sobre a epistemologia das ciências sociais aparece de uma forma dispersa, mas nem por isso menos profunda, no livro *Du Rural à l’Urbain*.

a sociedade capitalista enfrenta. A técnica e as técnicas permitem-lhes escamotear as dimensões ideológica e política, bem como agir no sentido de uma corrente que os leva a continuar um movimento já existente, como se se tratasse de algo “natural”. Ao contrário, o novo urbanismo será a disciplina que vai conseguir fazer a ligação entre o pensamento crítico e a *praxis*: “Esse urbanismo será digno das suas ambições quando conhecer e propuser as formas dos tempos e dos espaços em direção aos quais quer abrir um mundo que tende a fechar-se” (Lefebvre, 1967, p.39).

Para que um tal urbanismo possa existir de facto, é necessária uma nova abordagem intelectual (construção de novos conceitos e análise dos já existentes), assim como a construção de novos procedimentos metodológicos.¹⁸ Neste artigo procurámos tornar claro que a obra de Lefebvre, e essa uma das razões da sua importância atual, foi construída a partir de um novo olhar científico-político sobre a realidade urbana.

A posição de Lefebvre é clara ao defender que a complexidade do objeto, o urbano (onde inclui a vida quotidiana), torna necessário definir uma nova estratégia, simultaneamente científica e política.

É ao novo urbanismo que compete definir essa estratégia.

Referências bibliográficas

- Costes, Laurence (2009), *Henri Lefebvre. Le droit à la ville*, Paris: Ellipses.
- Deulceux, Sandrine; Hess, Rémi (2009), *Henri Lefebvre. Vie. Oeuvres. Concepts*, Paris: Ellipses.
- Hess, Rémi (1988), *Henri Lefebvre et l'aventure du siècle*, Paris: Éditions A.M. Métailié.
- Lefebvre, Henri (2014b [1981]), *Critique de la vie quotidienne III*, Paris: L'Arche Éditeur.
- Lefebvre, Henri (1974), *La Production de L'espace*, Paris: Anthropos.
- Lefebvre, Henri (2001 [1970a]), *Du rural à l'urbain*, Paris: Anthropos.
- Lefebvre, Henri (1970b), *La révolution urbaine*, Paris: Galimard.
- Lefebvre, Henri (2012[1968a]), *O Direito à Cidade*, Lisboa: Letra Livre.
- Lefebvre, Henri (1968b), *La vie quotidienne dans le monde moderne*, Paris: Gallimard.
- Lefebvre, Henri (1967), *Position: contre les technocrates*, Paris: Gonthier.
- Lefebvre, Henri (2014a [1962a]), *Critique de la vie quotidienne II*, Paris: L'Arche Éditeur.
- Lefebvre, Henri (1977 [1962b]), *Introduc-*

tion à la modernité, Paris: Éditions Minuit.

- Lefebvre Henri (1977 [1947]), *Critique de la vie quotidienne I*, Paris: L'Arche Éditeur.

- Pereira, Ricardo Araújo, “Mixórdia de Temáticas”, programa na *Rádio Comercial*. Disponível em: <http://radiocomercial.iol.pt/player/mixordia-de-te-maticas> [Cons. 23/03/2017].

- Velho, Gilberto (1994), *Individualismo e Cultura*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹⁸ Embora Lefebvre tenha mais praticado estes procedimentos do que teorizado sobre eles, encontramos informação importante a seu respeito no livro *Du Rural à l'Urbain*.